

**A HISTÓRIA DO E NO CEARÁ:
UMA REFLEXÃO METODOLÓGICA SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS
(1889-1940)¹**

**THE HISTORY OF AND AT CEARÁ: A METHODOLOGICAL REFLECTION ON THE
DIDACTIC BOOKS**

Fátima Maria Leitão Araújo

RESUMO: Este artigo tem como objetivo entender a proposta de *História do Ceará* presente nos compêndios do período de 1889 até 1940, bem como as peculiaridades no trato com essa fonte do historiador, percebendo as influências presentes na concepção de *História no Ceará*. Assim, num primeiro momento discutimos o trabalho legado ao livro didático na pesquisa histórica e os tratos metodológicos possíveis a partir desta fonte, para em seguida apresentar nosso objeto de pesquisa, a saber, os livros de História do Ceará, a partir da utilização de alguns dos métodos anteriormente citados. Finalizamos com uma breve apresentação da relação entre este objeto, a concepção de história a ele subjacente e a cultura que representa. Foi através da história cultural e de uma historiografia sobre o assunto que pudemos trabalhar com tal perspectiva e darmos mais um passo no sentido de refletir sobre a metodologia a ser utilizada para o *metier* do historiador da educação, visando auxiliar aos demais pesquisadores na percepção das diversas faces do livro didático enquanto fonte e objeto de pesquisa. Estas reflexões são resultados angariados ao longo da pesquisa, a partir da qual se pode concluir que havia uma influência européia desde os anseios de civilização que norteavam a escrita histórica e a necessidade de se fazer uma História do Ceará alinhada ao progresso geral da humanidade, até as próprias concepções de história presentes nas obras didáticas que circulavam entre o período de 1889 a 1940, donde se destacou o Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará como lugar de memória de onde eram produzidas as obras de história local.

Palavras-chaves: Livro didático. História do Ceará. Metodologia.

¹ Este artigo apresenta resultados de pesquisa intitulada *Historiografia e literatura didática: a história do Ceará nos livros didáticos produzidos nos primórdios da república aos anos de 1940*, financiado pela CNPq.

ABSTRACT: Giving continue the research on Didactic book in Ceará, this article aims to understand the proposed of History of Ceará present in the compendiums of the period from 1889 to 1940, as well as the peculiarities in the treatment with this source of historian, noting the influences present in conception of history in Ceará. So, at first moment us have a discussion the legacy work by the didactic book in historical research, and methodological tracts possible from this font, then present our research object, namely the history books of Ceará, starting from using some of the methods mentioned above. We conclude with a brief presentation of this relationship between this object, the present conception of history and the culture that represents. It was through the cultural history and historiography on the subject that we could work with this perspective and take another step towards reflecting on the methodology to be used for the metier of the historian of education, in order to assist other researchers in perception of various faces of the didactic book as a source and object of research. These reflections are results raised during the research, from which one can conclude that there was a European influence since the yearnings of civilization that guided the historical writing and the need to make a history of Ceará aligned with the overall progress of humanity, even the own conceptions of history present in didactic works that circulated between the period 1889 to 1940, where stood the Institute of History, Anthropology and Geography of Ceará as a memory of where they were produced the works of local history.

Keywords: Didactic book, History of Ceará, methodology.

A Guisa de introdução

Elegendo a temática do livro didático, buscamos adentrar uma realidade específica, o Ceará, no contexto de efervescentes mudanças políticas e sociais. O advento republicano propiciara a necessidade de mudanças de atitudes e de ações que visavam a consolidação do ideário do novo regime brasileiro. A despeito da laicização, o predomínio da ideologia católica reforça a cristalização da educação nos moldes da Igreja católica. Na história escolar há, portanto, a persistência da indispensável presença da "história sagrada", que em sintonia com o ideal republicano de sociedade, enfatizam a importância da família e da pátria.

Esta tendência de imposição do patriotismo exacerbado e dos valores familiares como sustentáculo de uma "pátria gloriosa" foi reforçada por meio da introdução de uma nova disciplina, Instrução Moral e Cívica, substituta das aulas de ensino religioso. Completando o ciclo de ações para formação do "cidadão" ideal ao regime republicano, o Estado teve de elaborar uma legislação especial para o livro didático, criando mecanismos burocráticos de vigilância; buscava, com isso, um ensino homogêneo para a nação independente, inspirando-se nos moldes do padrão francês. Neste sentido, até a década de 1920 há a predominância de autores estrangeiros, a partir dos anos de 1930, as publicações de livros didáticos passam a ser escritas, de forma mais sistemática, por autores brasileiros. Até a década de 1960 há a permanência de publicações por grande período (sem alterações), sendo a maioria dos autores provenientes do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Existem poucas editoras e os livros não apresentavam um processo de didatização.

Conforme assinala Gasparello (2004, p.77), os estudos sobre historiografia nacional indicam como pontos de referência no século XIX "*um lugar institucional - o Instituto Histórico e Geográfico (IHGB) e uma obra - a História Geral do Brasil - Francisco Adolfo Varnhagem (1854)*". A estreita relação produção didática de história nacional com os referidos marcos, assinala a articulação de dois elementos que estimulam e consolidam essa produção: o lugar social do autor - o Colégio Pedro II - e a instituição científica balizadora - o IHGB.

Tal assertiva se aplica à realidade do Ceará, já que a fundação do congêneres cearense, em 1887, tinha por fim *“tornar conhecidas a história e a geographia da Provincia e concorrer para o desenvolvimento das lettras e sciencias”* (art. 1- Estatuto do Instituto do Ceará). Dessa forma, a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará constituiu marco na configuração da historiografia cearense, promovendo a inserção do Ceará nos debates nacionais ao tempo em que forjava a identidade local. Fincando suas bases no positivismo e no fervor nacionalista, os membros do Instituto do Ceará passam a consolidar o ideal de *“pátria cearense”*.

Como os saberes produzidos no Instituto se faziam presentes em outros espaços sociais, em particular, nas instituições escolares, buscamos compreender as abordagens sobre História do Ceará nos manuais didáticos do período em foco nesta pesquisa, entendendo que o pensamento do Instituto do Ceará exerceu influência decisiva na escrita escolar de história.

Portanto, este artigo é fruto de um trabalho de pesquisa iniciado em agosto de 2010 e concluído no início de 2013 sobre a história do livro didático no processo de constituição do ensino escolar cearense no decurso da Primeira República a década de 1940, no qual *“tentamos compreender em que medida o conhecimento elaborado por uma instituição de intelectuais locais, influenciou a produção didática [...] além de refletir sobre a proposta de história, homem e sociedade presente nesses inscritos”*. (ARAÚJO, 2012, p. 98-99)

A partir desse estudo, de suas conclusões e das modificações teórico-metodológicas processadas na História desde o final da década de 1970, como destacou José Ricardo Oriá Fernandes (2005), pudemos perceber o livro didático como um integrante de um sistema institucionalizado (BITTENCOURT, 2008) que pensado e trabalhado na legislação funcionou como sistematizador e divulgador de conhecimentos, ainda que boa parte das leis, como analisou Sofia Lerche Vieira (2007), não tenham sido postas em prática, como podemos inferir por meio das censuras pelas quais passavam aqueles que não correspondiam ao esperado pelos poderes instituídos (BITTENCOURT, 2008). Oscilava, assim, entre aquilo que era proposto pelo legislativo e o que realmente era praticado no Ceará entre 1889 e 1940. Foi nesse período republicano que a História do Ceará

começou a ganhar importância e atenção do Estado como importante meio de forjar uma identidade nesta nova forma de governo.

A despeito do caráter ambíguo do Livro Didático, ou compêndio como era conhecido, concordamos com Bittencourt (2008, p. 5) que "*Proposto, em geral, para cimentar a uniformidade de pensamento, divulgar determinadas crenças, inculcar normas, regras de procedimentos e valores, o livro pode também criar as diferenças porque a leitura que se faz nele ou dele nunca é única.*" Entretanto, interessa-nos, neste momento, entender a proposta de História do Ceará e a concepção de história presentes nos compêndios do período de 1889 até 1940, bem como as peculiaridades no trato com essa fonte do historiador, a saber, o livro didático, percebendo a importância do Instituto Histórico do Ceará, enquanto lugar de memória (ARAÚJO, 2012), visto que: "*Desbravando a mata virgem com ferramenta tão exígua, deve-se, por isso mesmo, considerar admirável o trabalho desses bandeirantes da nossa cronologia histórica, assim considerados os autores desse período*" (ARARIPE, 1958, p. IX).

A importância dessa instituição foi bastante reconhecida pelos intelectuais, a exemplo do que escreveu José Aurélio Câmara na introdução da obra de Araripe (1958) – originalmente publicado em 1867, mas já na edição de 1958. O Instituto teria inaugurado a *fase elucidativa* a partir da qual "se delineia o contorno e se torna conhecida, na sua exata dimensão, a formação histórica do Ceará" (ARARIPE, 1958, p. IX).

Quando se pensa em estudar a educação enquanto objeto de pesquisa historiográfica, emergem diversos meios de abordagens e fontes, donde no processo geral, destaca-se, como salientou Circe Bittencourt, "*instrução formal era visualizada pela figura do professor e do livro*" (BITTENCOURT, 1993, p. 283). É a partir deste último que almejamos responder algumas questões referentes ao ensino cearense, que segundo a mesma autora, acabou tornando-se, com o tempo, um dos símbolos da cultura escolar. Ele é entendido como *objeto cultural* que paulatinamente vai transformando-se em *capital cultural* (BITTENCOURT, 2008) e *filão* da indústria editorial brasileira (FERNANDES, 2005), sendo regulamentado em cada província brasileira conforme os interesses locais, pois concordamos com Nagle (2001) que nas décadas iniciais da República há um crescente nacionalismo, que, a nosso ver, estaria em constante relação

com as próprias questões locais, ora pendendo mais para um lado, ora pra outro. Entendemos que essa dimensão contextual deva ser considerada quando de um estudo pormenorizado, mas essa discussão não poderá ser desenvolvida de forma ampla neste artigo.

Em geral, acreditamos na importância desse manual escolar, e de suas dificuldades de trato enquanto fonte, por ser ele um importante meio de compreensão das propostas de *História do Ceará*, concepções locais de história e dos objetivos que levam a tais opções e caracterizações por parte dos autores. Assim, num primeiro momento discutimos o trabalho legado ao livro didático na pesquisa histórica, bem como sua metodologia, para em seguida apresentar nosso objeto de pesquisa, a saber, os livros de História do Ceará, e finalizar com uma breve apresentação da concepção de história presente nesses objetos.

1. Trabalhando com livros didáticos: métodos e fontes de pesquisa

Estudos sobre educação e livros didáticos vêm crescendo, sobretudo, a partir dos anos 1990, notadamente a partir de duas vertentes, tal qual apontou Fernandes (2011): análise das ideologias dos livros e denúncias de seu caráter discriminatório contra alguns segmentos sociais; e reflexões sobre as relações entre produção historiográfica acadêmica e os conteúdos veiculados nos livros didáticos. Embora atualmente haja um leque mais variado sobre a temática. É importante destacar certa unanimidade sobre a importância desse objeto enquanto fonte de pesquisa e ensino, ainda que não haja um consenso sobre uma definição concisa e completa, daí a utilização de vários termos como sinônimos. Na América Latina é conhecido como livro, texto e manual acompanhado de “escolar” ou não. Na língua portuguesa é corrente o uso de livros ou textos didáticos, manuais escolares, livros para crianças, entre outros. No geral, é conhecido como catecismo, manuais de civildade, livros de leitura, compêndios, etc.; especificamente, no Brasil, livro didático. (FERNANDES, 2011)

No quesito definição temos que ele é um objeto de múltiplas facetas, funcionando como suporte de conhecimentos e métodos das várias disciplinas

curriculares, veículo de valores ideológicos ou culturais, produto cultural e mercadoria ligada ao mercado editorial (BITTENCOURT, 2004), mas também um espaço de memória e objeto da cultura escolar ocidental, enquanto método de conceber e praticar o ensino (FERNANDES, 2011).

Além de compreender as dificuldades de conceituação, utilizar o livro didático como fonte é trabalhar a partir de uma metodologia que considere a sua materialidade tanto quanto suas condições sócio-históricas e econômico-culturais. É através dessas análises que vislumbramos discursos e divisões presentes, como as concepções de tempo, de história e a disposição dos capítulos, das temáticas, sua forma de apresentação dos fatos, imagens e personagens destacados, etc..

Assim, procuramos pensar *“Como Guimarães, que toda História começa com um acontecimento, e que este se define, como faz Lacan, por uma quebra da rotina, pela emergência de algo, pela ruptura com a lei e com a semelhança.”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 27) Então a História do Ceará começou a ser pensada através da necessidade de escrever os livros didáticos. Uma vez que os fatos só ganhariam contorno conforme fossem contados, narrados, relatados; assim, os autores do Instituto Histórico do Ceará ou os intelectuais influenciados por eles iniciaram uma jornada de construção da história cearense (ARAÚJO, 2012) e a partir daí construíram a própria história local inter-relacionada com seus percursos individuais e coletivos. Pois,

O fato, o evento, não pode ser reduzido nem somente à irrupção real de uma ação, de uma prática sem sentido, sem significado, incômodo sensível que nada significa, nem somente à sua barroca e grandiloquente narrativa. [...] Todo fato é, ao mesmo tempo, natureza, sociedade e discurso, pois é materialidade, relação social e de poder e produção de sentido. [...] Todo evento histórico é cultural e simbólico e precisa de alguma forma de linguagem ou de simbologia para acontecer, para estabelecer os laços de comunicação entre os homens, sem os quais não haveria economia, política ou sociedade, nem mesmo objeto ou sujeito. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 27)

Pensando nisso e a partir dos nossos supracitados objetivos, é que selecionamos suas obras com o intuito de entender que histórias queriam contar (e contaram) para os estudantes da recém-república.

São eles:

<i>História da Província do Ceará: Desde os tempos primitivos até 1850</i>	Tristão de Alencar Araripe	1958, originalmente de 1867
<i>Resumo da Historia do Ceara: pra uso das escolas primarias</i>	J. Brígido	duas edições: 1892 e 1895
<i>Historia do Ceará: resumo didactico</i>	Cruz Filho	1931
<i>Estudos de Historia do Ceara</i>	J. Catunda	1919
<i>Anno Escolar: livro de leitura</i>	Joaquim da Costa Nogueira	1921

A partir do quadro das obras desses autores podemos vislumbrar a estrutura que permeiam todos eles, buscando caracterizar como se pensava a *História do Ceará* em tais compêndios. Além de buscar conhecer a materialidade e seu lugar de produção, faz-se necessário interpretar os programas curriculares, tal qual fez Vieira (2005), uma vez que os autores tinham que organizar a erudição para a forma didática de acordo com as normas oficiais, criando o *conteúdo explícito* das disciplinas (BITTENCOURT, 2008), no caso da *História* este estaria relacionado à necessidade de fortificar o *senso moral*, além de funcionar como lição de leitura, conforme salientou Bittencourt a respeito da criação do conceito de cidadania que: “*com o auxílio dos estudos de História, serviria para situar cada indivíduo em seu lugar na sociedade [...] “grandes homens”, de seres predestinados, haviam criado a nação, e representantes dessas mesmas elites cuidariam de levar a nação ao seu destino.*” (BITTENCOURT, 2008, p. 110)

O ensino de *História* estaria, assim, associado a objetivos e anseios sociais que envolviam diversos sujeitos, cujas elites cuidariam de levar a nação ao seu destino (BITTENCOURT, 2008) Não objetivavam, nesse momento, grandes mudanças sociais, uma vez analisadas suas características e projetos de sociedade e homem, como concluímos em outro artigo: “A escola acabou sendo vista como instrumento de moralização e civilização do homem, fazendo-o cidadão, uma vez que esta era a condição para a participação política nos moldes republicanos.” (ARAÚJO, 2012, p. 98).

A despeito das influências européias e do caráter excludente os livros didáticos de História do Ceará tiveram que ser produzidos a partir de análises da sociedade, ainda que dentro de um padrão de história cientificista, característica daquele momento, tida como positivista (ARAÚJO, 2012). E também a história era junta inicialmente com a geografia numa tentativa de “disseminar a imagem física do “território nacional” do Estado que nascia” (BITTENCOURT, 2008, p. 139) e permaneceu influenciando mesmo após sua separação em 1876. (ARAÚJO, 2012)

Assim, objetivando utilizar o livro didático como fonte, devemos observar a *rede* (LATOUR, 1994) em que este se insere, desvelando desde a sua produção pelo autor até sua chegada e leitura feita pelo consumidor final, além de outros aspectos, tais como circulação entre os pares, os tipos de marcas deixadas pelo usuário, etc.. Nesse sentido faz-se necessária a reflexão sobre os personagens, diálogos, debates, edições e ações que compõem essa trama, uma vez que é ela quem vai caracterizar e se deixar influenciar pela obra. Esta é uma criação que desde o seu nascimento foge ao controle do autor e seus agentes, principais e secundários. A questão da rede estaria relacionada à ideia de que:

Qualquer evento histórico é uma mistura tal de variáveis, é fruto do entrelaçamento de tantos outros eventos de natureza diferenciada, que sempre visualizamos apenas parcialmente e pomos em evidência apenas alguns destes elementos que o constituem. [...] A História possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventam. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 29)

Deste modo, é que propomos o tratamento metodológico do livro didático, embora não seja essa uma abordagem a ser desenvolvida em um único artigo por conta dos limites básico do mesmo; assim, procuraremos desenvolver de maneira mais pormenorizada em outros trabalhos. Dada sua importância histórica, trabalharemos nesse momento o livro didático a partir daquilo que o autor propõe para uma *História do Ceará*, buscando responder a questão que se coloca sobre o que era escrever um livro de história do Ceará, quais eram as concepções presentes, quem eram os principais autores narrados, etc..

Alguns autores, mesmo sem dizê-lo explicitamente, deram importantes contribuições sobre como utilizar as obras didáticas como fonte, assim é que vemos a pesquisadora Circe Bittencourt, primeira historiadora a dar atenção a esse vestígio do passado, e bastante utilizada para esse artigo. Além de Ricardo Fernandes, Sofia Vieira, entre outros. Deste modo, outro auxílio para esta produção histórica será a utilização da própria historiografia do assunto e período, por sua facilidade em apontar relações, jogos de poder e influências.

Bittencourt busca compreender a relação do professor com o livro didático, a importância deste para aquele, além de analisar a política da distribuição de livros, as relações entre o autor – editor – público, ou mais diretamente, produção – distribuição – consumo, a partir dos quais conclui a indispensabilidade deste objeto cultural, sobretudo para aqueles do método intuitivo. "Os livros didáticos e os textos clássicos, para o caso dos professores das disciplinas do currículo das humanidades, embasavam o conhecimento necessário para que se delineasse o perfil de um bom profissional." (BITTENCOURT, 2008, p. 180)

Ao analisar metodologicamente um livro didático devemos atentar para sua estrutura, composta, segundo Fernandes (2011): por elementos externos (sobrecapa, capa, lombada ou dorso, orelha, quarta capa ou contracapa e folha de guarda), pré-textuais (falsa folha de rosto, verso da falsa folha de rosto, folha de rosto, verso da folha de rosto, dedicatória, epígrafe, agradecimentos, nota bibliográfica de autores, sumário, lista de ilustrações, lista de abreviaturas, siglas e símbolos), textuais (apresentação, prefácio, introdução, texto, conclusão) e pós-textuais (posfácio, glossário, referências, apêndices, anexo e índices).

Todos e cada um desses símbolos presentes e constituintes do livro didático servem como pistas a serem seguidas, a partir da problematização, para angariar informações sobre esse vestígio do passado. Toda essa análise tendo em vista algumas características próprias do livro didático e apontadas por Fernandes (2011), a saber, a *intencionalidade*, por parte do autor e/ou editor, de ser expressamente destinado ao uso escolar; a *sistematização* presente na exposição do conteúdo; a *adequação* para o trabalho pedagógico, ajustando-se a um determinado nível de complexidade e a um determinado nível de maturidade intelectual e emocional dos alunos; a *regulamentação* dos conteúdos, sua

extensão e tratamento dos mesmos, segundo o currículo escolar ou programa oficial; e a *intervenção* estatal administrativa e política, seja através de leis e normas que selecionam, hierarquizam e excluem saberes e valores, seja através da necessidade de autorização expressa ou implícita para a publicação, circulação e uso do livro escolar.

Embora não nos detenhamos na busca de delinear tais relações, não deixamos de compreender a importância de analisar tais conhecimentos acerca dos diálogos possíveis entre autores e docentes, salientados pela autora supracitada, que são, sobretudo, apresentados nos livros didáticos em capas, prefácios, índices, lições, introduções, anexos, imagens, etc.. Estes de suma importância revelam suas concepções e metodologias de ensino.

O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, lugar social privilegiado para os intelectuais, abria espaço para discussões em torno do significado do vocábulo *Ceará*, mobilizações no sentido de estabelecer convenções sobre o começo da *História do Ceará* e as delimitações de seu passado com o objetivo de afirmar uma identidade regional dentro do contexto de transformações nos últimos anos da monarquia e décadas iniciais da República Tais contornos fazem-se bem nítidos no estudo de Almir Leal de Oliveira:

Para a história do Ceará a criação do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará marcou a definição de um *metiér* (campo profissional e intelectual) que regulamentaria os caminhos de singularização da trajetória local, na definição e datação de suas origens, no estabelecimento de suas fronteiras geográficas e culturais, de seus tipos, cronologias, cartografias, enfim, do lugar e da imagem do Ceará para a nacionalidade. (OLIVEIRA, 2001, p. 12)

O Instituto Histórico Cearense carregado de tais objetivos e ideias influenciou notadamente os livros didáticos (ARAÚJO, 2012), estes, por sua vez, proporcionam-nos "Indícios que, seja pelo objeto escolhido seja pela matéria enunciada, dentro ou fora de sequências mais objetivas, estruturaram um possível núcleo de sentidos morais, políticos ou identitários que regulava a produção, mas a transcendia." (OLIVEIRA, 2001, p.14) Embora tenhamos consciência da impossibilidade de dar conta de toda uma realidade que permeia o livro didático, de toda a sua *rede*, trabalhamos no sentido de compreender,

pelo menos, o que significava falar de *História do Ceará* nesse período inicial da República.

2. História do Ceará como objeto de pesquisa histórica: aplicando os métodos para uma reflexão sobre a escrita dos compêndios

Falar sobre História do Ceará nos anos iniciais da República é falar de uma história em processo de discussão e construção das datas e dos fatos que irão permear as escritas posteriores a essa memória. Assim, J. Brígido na *Advertência* fala da escrita de seu livro como respondendo ao pedido de amigos, desculpa-se por eventuais falhas, e cita aqueles que estão desenvolvendo trabalhos similares, afirmando que “*O Ceará não tem ainda uma historia propriamente dita.*” (BRÍGIDO, 1885, p. 4) e o trabalho de história do Ceará “*ainda não está systematisado e plenamente desenvolvido.*” (BRÍGIDO, 1885, p. 4) Essa tarefa seria paulatinamente assumida por autores dos livros didáticos, segundo os quais objetivam traçar quadros verídicos dessa história, já que “*abundam falsidades e contradições*” (FILHO, 1931, p.3).

Escrever tal história seria uma competência dos “*contemporaneos, guiados pelas fecundas lições do eminente historiador, joeirar e estudar os episodios da historia cearense, a fim de descobrir o filão que os conduza á verdade.*” (FILHO, 1931, p. 4). Essa construção didática visaria o ensino elementar dos alunos dos colégios cearenses, assim, Clovis Bevilacqua no prefácio da obra *Anno Escolar*, de 28 de Janeiro de 1920, coloca Joaquim da Costa Nogueira como dono de um “*dom particular de comunicar-se com o espirito das creanças, que torna a aprendizagem para estas um encanto*” (NOGUEIRA, 1921, p. II). Através do aval do estado, essa obra poderia contar “*com a adopção nas escolas publicas primarias do Anno Escolar, util não só aos alumnos como tambem aos mestres que nelle encontrarão o guia seguro para os seus ensinamentos, dadas as bases em que está elaborada [...]*”. (NOGUEIRA, 1921, p. IV-V).

A justificativa para a escrita e a maneira como ela se apresenta, pode ser vislumbrada pelo que coloca J. Catunda:

Mas é puramente modal o trabalho da evolução e se realiza sobre o fundo imutabil da unidade substancial do ser infinito e uno, apesar da infinita variedade de formas que reveste na esfera da natureza phenomenica. [...] No espirito humano elle se affirma e reconhece, e começa então o processos para attingir o estado de perfeição ideal. As lutas dos povos e das nacionalidades, os progressos da civilização, as agonias do espirito nas investigações da sciencia, as atribulações do pensamento nas aspirações da sciencia, as atribulações do pensamento nas aspirações do divino, graduan a intensidade d'esse trabalho interior e continuo. (CATUNDA, 1919, p. 7)

Para este autor os fatos ocorridos na história constituem todo um processo de evolução que o homem e a natureza têm passado, onde essa disciplina estaria responsável pelo registro "*dos momentos principaes do labor divino*" (CATUNDA, 1919, p. 7) a partir dos sujeitos históricos, que seriam aqueles que mais contribuíram para o progresso e evolução da civilização, da qual o Ceará faria parte. Assim, os livros de História do Ceará nas edições que possuímos são compostos de capas, originais ou não (encadernações posteriores), contracapa, prefácios, e possui entre três e trinta capítulos, ou partes, com anexos em gerais ou não. E em sua estrutura, a História que se conta é linear, iniciada pelo descobrimento, seguindo-se a exploração e/ou colonização, povoamento e catequese, Independência, Confederação ou República do Equador.

Deste modo, destinada aos alunos e mestres, a história construída nesses discursos era vinculada a idéia de mestra da vida e, por isso, associava-se a produção e reprodução das relações de poder através do "*methodo de ensino intuitivo*" (CATUNDA, 1919, p. XIII). Delimitavam, também, fronteiras cearenses e valorização do local, donde o indígena emergia como o elemento cultural da história local, sobretudo, a partir do viés antropológico que os tinham por "selvagens" (FILHO, 1931). Nesse sentido, vemos a busca de evidenciar as particularidades locais, através de marcos e narrativas de origem, cujo marco do processo de evolução social foi à chegada dos portugueses, segundo Oliveira esse é um marco simbólico que marcaria o início desse processo de História do Ceará (OLIVEIRA, 2001, p. 250).

Sobre o período colonial, temos como temática: Descobrimientos, *Capitanias, Governo Geral, Dominio Hespanhól e Portuguez, Vice-Reinado* (NOGUEIRA, 1921) e a independência de Pernambuco (FILHO, 1931). Os grandes navegadores são *os povos civilizados* responsáveis pela "*a inauguração*

desses empreendimentos heróicos" (FILHO, 1931, p. 9) que "tomaram os povos da Península Iberica (Portugal e Espanha), por sua particular posição geographica no continente europeu, a iniciativa da solução do grande problema da navegação do globo". (FILHO, 1931, p. 12). Pequeno é o destaque dado ao período regencial.

Já o Brasil império é narrado sob diversos signos nacionalistas, movimentos e vultos da independência, tais como *D. Pedro I*, *D. Pedro II*, *Campanha do Paraguay*, Confederação (NOGUEIRA, 1921) ou República do Equador (BRÍGIDO, 1885), a expedição de Caxias (FILHO, 1931), além de relações entre fatos nacionais e locais que levaram a esse feito entre outros, como a Abolição "*Uma das mais refulgentes paginas da nossa historia é, sem dúvida, a que se refere à abolição do elemento servil, na então Província do Ceará*" (FILHO, 1931, p. 156). Este fato é assim destacado, pois significou para a história desta província o caminho do progresso e civilização, tal qual almejado pelos espíritos ilustres de nossos primeiros historiadores.

Já a fase Republicana, dependendo do período de publicação da obra, é contemplado como um momento de grandes transformações, tais como os direitos estabelecidos (NOGUEIRA, 1921), mas no geral conta com pouca informação (BRÍGIDO, 1885), sobretudo por conta de ser naquele momento um evento muitas vezes contemporâneo. Esse período, assim como o passo dado em relação à abolição, estaria seguindo um curso "natural", inclusive local, uma vez que "Desde 1870, a propaganda das idéas republicanas começou a tomar sério incremento no Brasil. [...] os adeptos dos principios democraticos vieram cavando o descredito do regimen monarchico e combatendo sem tréguas a politica imperial." (FILHO, 1931, p. 160) Um deles, Cruz Filho, finaliza sua obra concluindo que:

O surto de vitalidade e progresso que vem realizando o Ceará através dos tempos, a despeito das seccas que, periodicamente, lhe exhaurem as energias e lhe despovoam o solo, isso graças à resistência e tenacidade do povo que o habita, - raça de titans que adquiriu, na propria escola da adversidade, a rija tempera para afrontar e vencer as intempéries da natureza. (1931, p. 218)

É a história dessa *raça de titans* que esses autores narram para a construção da História do Ceará. Tomando como exemplo Nogueira (1921), no final, embora poucos contemplem, eles trazem questões – a maioria sobre a *Constituição Federal, Fórmulas de governo, Poderes da Nação, Cidadãos brasileiros, suas qualidades, direitos e deveres, Presidentes do Ceará na República*; cronologias dos distintos personagens no Estado, *Hymnos, frases literárias*; pequenas lições de história – destinadas a *ilustrar o cabedal de conhecimentos dos alunos*, entre outros.

Todos esses elementos, que compõem o livro didático da história local, servem de pistas para compreendermos o que deveria permanecer como aprendizado. É Nogueira quem traz, ainda, indicações diretas de como proceder ao uso dos livros: “Ao professor, inteligente e dedicado á causa da instrucção, cumpre exercitar os alumnos em estudos de dissertação, fazendo-os repetir oralmente por suas proprias palavras, o conteúdo de cada lição, dela tirando as allusões, vulgarmente feitas em litteratura.” (NOGUEIRA, 1921, p. 103) Ou “Poderá o professor solícito desenvolver as considerações feitas em torno de cada lição, alargando assim, ainda mais, o bom resultado que é licito esperar destes exercicios.” (NOGUEIRA, 1921, p.135).

Deste modo, objetivando a formação do homem civilizado, além do enfoque eurocêntrico e dos grandes homens e seus feitos, alguns livros trazem informações de comportamentos, como fez Nogueira (1921) na parte destinada a *Civilidade* em que constam diversos preceitos como aqueles a serem observados à mesa, nas apresentações, saudações, visitas, etc., conselhos como os referentes à higiene, poemas, entre outros. Pois questionavam-se: “Na lucta pela vida, a que é aqui mais do que algures condemnado o homem, curvará o mestiço americano ante a inexorabilidade das leis kosmicas, [...] o sólo escabroso do Ceará, conquistará á patria logar proeminente entre as províncias mais favorecidas do Imperio?” (NOGUEIRA, 1921, p. 221).

Na parte final de tais livros, muitos trazem, ainda, informações adicionais que nos conduzem a percepção da paulatina inclusão dessas obras no mercado de circulação local², tais como propagandas, indicações de publicações, preços,

² Essa circulação pode ser vislumbrada pela incidência dessas obras nos locais de pesquisa, induzindo-nos a pensar que mais do que uma circulação econômica, esta foi cultural, visto serem

finalizando com o *Índice*. Enfim, nos destaques gerais da obra emergem soltos na cronologia aspectos em que a história do Ceará entrecruza-se com o Nacional, como no episódio da Batalha de 24 de Maio "A Patria tinha alli uma altar de amôr erguido ao peito de cada soldado – altar de amôr em que se offerencia a vida com o mais estoico sacrificio." (NOGUEIRA, 1921, p. 52) E no parágrafo seguinte: "Nesta grande batalha destaca-se brilhantemente o nome de um cearense illustre nas armas – o bravo general Antonio Sampaio." (NOGUEIRA, 1921, p. 52). Deste modo, mais do que um progresso estritamente local, a emergência de tais episódios agia no sentido de ratificar a ideia de integração do Ceará num movimento maior civilizacional, que teria raízes na Europa, sobretudo na França, donde tiravam diversos ideais a serem disseminados, conforme discutido de maneira geral por Eric Hobsbawn (2002).

Para Oliveira (2001) os intelectuais e historiadores do Instituto Histórico do Ceará, maioria pertencente ao ensino superior, visavam persuadir o seu ouvinte através o uso da erudição, requisito básico, a seu ver, para legitimar seus textos. Deveriam, ainda, trabalhar com uma documentação primária, diferenciando-se de seus antecessores, comprometido, acima de tudo, com a crítica documental. Seu objetivo era a transformação social em direção ao progresso, assim, eram usados a "Fé e ciência como instrumentos de um progresso que chega às mãos da sociedade através de incessantes estudos e análises com o objetivo da moralização dos indivíduos." (OLIVEIRA, 2001, P. 143). Assim, afirma Araripe, "O historiador constitui-se juz em causa muito augusta e elevada, decidindo o pleito da verdade tanto mais importante e sagrada quanto devemos aos finados, em quem não atuam as paixões presentes." (ARARIPE, 1958, P. 18)

Conforme soube detectar Oliveira, os historiadores do Instituto do Ceará buscavam formar uma imagem de nação construída sobre os ideais republicanos, orientados por verdades positivas, estruturados por sentidos morais, políticos ou identitários: "O ensino de história do Ceará passou a fazer parte dessa vulgarização dos temas, datas e fatos locais como um instrumento de inculcação

tais produtos de considerável preço numa sociedade de maioria analfabeta. Os locais de pesquisa, nos quais tais obras se encontram, são: Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Colégio Imaculada Conceição, Juvenal de Carvalho e Colégio Militar.

dos valores patrióticos e das práticas comemorativas no interior da formação dos estudantes de Fortaleza." (OLIVEIRA, 2001, P. 253)

3. Pensando a *História* no Ceará republicano: as influências européias nas concepções e escritas locais.

O que pudemos perceber desde o início da pesquisa foi que o livro didático pode ser utilizado pelo historiador como fonte histórica a partir de uma metodologia própria que possa dar conta de suas especificidades, bem como das características presentes nas redes que envolvem esse objeto, como "A permanência da concepção iluminista do caráter poderoso da palavra impressa, contida na literatura escolar, pode ser percebida pelo cuidado constante com que as elites intelectualizadas das classes dominantes tiveram no processo de construção dessa produção cultural." (BITTENCOURT, 1993, p. 21)

Objetivando relacionar todo o conteúdo apresentado com o momento histórico próprio do Ceará, que, assim como o Brasil, permaneceu influenciado pela concepção iluminista, pudemos perceber que a ideia de História a ser ensinada era aquela que servisse de molde para a formação do novo cidadão, caracterizado por uma moral dos bons costumes, tais quais os grandes vultos históricos. Nesse sentido, o Ceará era apresentado como em processo de transformação rumo ao progresso, desde sua entrada para a História da Civilização, com a descoberta e conseqüente colonização, dentro de uma visão teleológica de história, em que o futuro era o lugar de realização e superação das selvagerias dos primitivos.

Assim, ficou-nos claro, sobretudo com a pesquisa pormenorizada de Oliveira, que "A história do Ceará construída pelos membros do seu Instituto Histórico está profundamente articulada com a ideologia ascendente no final do século XIX e que até 1930 se instala como leitura oficial do Estado brasileiro." (OLIVEIRA, 2001, p. 31) Em que a concepção de história que se tinha até então, como mencionada, era como *mestra da vida* (BITTENCOURT, 2008; OLIVEIRA, 2011) que junto com a formação do sentimento nacionalista exigiu a composição de cronogramas com heróis, enquanto representantes do Estado e do cidadão

em detrimento da religião e do cristão, ainda que seguindo seu modelo de ética e moral.

Deste modo, pudemos vislumbrar nas obras analisadas a presença de colonizadores, povoadores e administradores como heróis, destacando-se as figuras de Pero Coelho, Martim Soares Moreno, D. Pedro I e II, entre diversos outros grandes nomes ainda hoje mencionados e presentes em monumentos e nomes de ruas na capital alencariana. Em suma, nos livros didáticos do Ceará permaneceu ao longo do período estudado uma construção de História em que "A pátria cearense foi arquitetada dentro do ideal positivista e estava articulada com as diferentes tendências republicanas em disputa por uma definição dos rumos da implantação do novo regime." (OLIVEIRA, 2001, p. 177). Enfim, a história foi narrada por e para um segmento social que detinha conhecimentos culturais alinhados com ideais europeus, que sentiram necessidade de difundir tal cultura através do ensino primário e secundário, conforme os interesses de progressos já discutidos.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História*. - Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARAÚJO, Fátima Leitão. ASSIS, Patrícia Marciano. MOREIRA JÚNIOR, Ricardo Lima. *Historiografia e Literatura Didática: A história do Ceará nas páginas da escrita escolar (1890 – 1930)*. IN: RODRIGUES, Rui Martinho [et al]. *História da Educação: teoria, métodos e fontes*. Fortaleza: EdUECE, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: Uma história do saber escolar*. São Paulo, 1993. Tese de doutoramento do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. *O livro didático e saber escolar / 1810 – 1910*. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2008.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O livro didático e a pedagogia do cidadão: o papel do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro no ensino de história*. In: SAECULUM – Revista de História [13]. João Pessoa, Jul/Dez, 2005.

GASPARELLO, A. M. *Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. [Publicado originalmente em 1975].

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. *A prática pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2001.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará: memória, representações e pensamento social (1887 -1914)*. Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

VIEIRA, S. L. *História da Educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. *A educação nas constituições: Brasil e Ceará*. Fortaleza: Importec, 2007.

<i>História da Província do Ceará: Desde os tempos primitivos até 1850</i>	Tristão de Alencar Araripe	1958, originalmente de 1867
<i>Resumo da Historia do Ceara: pra uso das escolas primarias</i>	J. Brígido	duas edições: 1892 e 1895
<i>Historia do Ceará: resumo didactico</i>	Cruz Filho	1931
<i>Estudos de Historia do Ceara</i>	J. Catunda	1919
<i>Anno Escolar: livro de leitura</i>	Joaquim da Costa Nogueira	1921

*Recebido em 27 de junho de 2013
Aprovado em 20 de fevereiro de 2014*